

O escritor Machado de Assis dizia que o homem é um filho do seu tempo. E, no dizer de alguns, para além de qualquer pertencimento religioso, o Papa Francisco, que partiu recentemente, permanece, porque se levantou como um grande líder, filho do seu tempo, em franco diálogo com os desafios da vida, principalmente quando se trata dos contextos que vivemos, em meio a guerras, polarização discursiva, pós-verdade, *fake news*, inteligência artificial, crise climática, conflitos de interesse. Com uma agenda como essa, não resta dúvida, Francisco ainda será uma voz que vai se fazer ouvir por muito tempo, pelo seu legado.

A *Alegria do Evangelho*, um dos seus primeiros documentos, foi a marca do seu fecundo Pontificado. Como dizia o Padre Scanonne, jesuíta, de saudosa memória, e seu professor de teologia, na Argentina, um verdadeiro plano de governo estava desenhado ali, com as dimensões que o Papa quis tocar e discutir, o que apareceu com maior detalhe na Encíclica *Laudato si'*, quando apresentou alguns critérios de discernimento a serem considerados: a realidade é superior à ideia (LS 110); o todo é superior à parte (LS 141); o tempo é superior ao espaço (LS 178); a unidade é superior ao conflito (LS 198).

A Alegria como um Dom é, portanto, uma proposta de vida, um agir moral que precisa nortear a vida do cristão e de todo homem e mulher de boa vontade – a quem ele se dirigiu inúmeras vezes. Vale notar que, de algum modo, a Alegria está presente mesmo no título de muitos de seus documentos: *A Alegria do Amor*, *A Alegria da Verdade*, *Alegrai-vos e exultai* – para citar alguns deles.

E Francisco ainda escreveu uma *Carta sobre o papel da literatura na educação*. Nela, o Papa não se restringiu à formação dos sacerdotes da Igreja Católica, como muitos chegaram a pensar, mas se referia a agentes de pastoral e a qualquer cristão. Sinceramente, podemos ir além desse público, porque repertório cultural e *a leitura de romances e poemas ajudam a quem quer que seja no caminho do amadurecimento pessoal*, como ele mesmo completou no final do seu primeiro parágrafo.

Assim, Francisco avança numa rica seara, como amante da literatura que sempre foi e como educador dos colégios da Companhia de Jesus, na Argentina, amigo de Jorge Luis Borges e de uma plêiade de referências culturais importantes. Para ele, o que importa é que haja bons leitores, capazes de compreender a vida e os fatos históricos, bem como seus desdobramentos e consequências. Ao dizer isso, o Papa sabia que era necessário nos exortar, para considerarmos a leitura como um viático para a nossa formação, obtendo dela proveito para a nossa alma.

É precisamente desse encontro, do acontecimento cristão com as culturas do nosso tempo, que emerge a necessidade de uma original reelaboração do anúncio evangélico. E Francisco sabia disso, quando afirma que mesmo o Apóstolo Paulo, no Areópago (cf. At 17, 16-34), reconhece a presença do Espírito na cultura grega, revelando-se um autêntico leitor de poesia. Em outras palavras, o que Paulo faz é descobrir um caminho de acesso e um diálogo possível em terra estrangeira...

A missão eclesial, portanto, se alarga, e aumentam-se as perspectivas que podem nos fazer entrar em relação com a carne humana de Jesus Cristo, homem, feito história, com seu corpo ferido de morte na Paixão. De algum modo, o que Francisco nos pede, ainda nos nossos dias, é uma sensibilidade à dor do mundo, ao mistério do homem experimentado pelo Verbo encarnado, pois não se trata de uma humanidade abstrata, mas de um homem concreto, Jesus de Nazaré, com suas feridas, anseios, recordações e esperanças. Vale lembrar, por isso, que mesmo a conversão de Santo Inácio começa pela leitura dos livros que havia na Casa Torre de Loyola, os únicos que lhe foram franqueados por sua cunhada. Certamente, a leitura ativou a imaginação e a criatividade do futuro fundador da Companhia de Jesus, desencadeando todo um processo de conversão, inspirando-o em seus métodos de oração, na contemplação e na aplicação de sentidos, preparando-o, também, para empreendimentos futuros, a partir dos desejos suscitados internamente nele.

Não há dúvidas, Francisco, que você continua a nos educar e nos ensina a ler a vida com tudo o que ela contém, pois o ato de ler provoca um discernimento, e o leitor não é apenas sujeito de uma determinada leitura, mas experimenta “ser lido” pelas palavras que vai encontrando, ou, como dizia Borges, parece ouvir a voz de alguém, ou se ver pelos olhos dos outros, ou, como deseja Rubem Alves, no seu texto *Transparências da eternidade*, experimenta ser destinatário de profunda misericórdia: “Quero Deus como um artista que cata os cacos do meu vitral, partido por pedradas ao acaso, e os coloca de novo na janela da catedral, para que os raios de sol de novo por eles passem. O que eu quero é um Deus que jogue o jogo das contas de vidro, sendo eu uma das contas coloridas do seu jogo...”

Aliás, em tempos de Inteligência Artificial, a literatura pode ajudar-nos a desenvolver nossa Inteligência Afetiva, como o Papa Francisco dizia, ou uma pedagogia do afeto, como temos aprendido, pela autocompreensão dos nossos processos internos e por uma relação saudável, no uso de nossa Liberdade, nas relações que vamos estabelecendo com tudo o que nos pode determinar. A literatura tem dessas: estimula nossa sensibilidade, injeta poesia nos nossos roteiros de oração e retiro, reajusta nossa sensibilidade, propondo novos enfoques para os textos bíblicos, preparando o terreno, com uma profundidade reflexiva e uma comunicação com o Transcendente sempre maior. Trata-se de promover outros tempos, outros espaços, outras sensibilidades, outros olhares e formas mais hospitaleiras de relacionamento com a realidade.

Finalmente, a literatura tem, de fato, um poder espiritual, porque, como diria Teilhard de Chardin, nada escapa a nossa vida espiritual, dado que somos seres espirituais vivendo uma aventura humana. Por isso, a palavra literária inaugura um ser da linguagem, como dirá Michel Foucault, que nos coloca em movimento, libertando-nos, purificando-nos e abrindo-nos. É Palavra que habita a nossa palavra humana, é Letra escrita sobre as nossas rasuras (*littérature*), como diria Derrida. É o reconhecimento humilde da própria realidade e da companhia de um Ser maior. É como (d)escreve Adélia Prado, em *Direitos humanos*: “Sei que Deus mora em mim como sua melhor casa. Sou sua paisagem, sua retorta alquímica e, para sua alegria, seus dois olhos. Mas esta letra é minha”.

A poeta mineira compreende bem e sabe que não paramos no luto, com a despedida de Francisco; desejamos ir além. Confiamos no Espírito que fala à Igreja e aos Cardeais, no próximo Conclave, porque sempre há alguém que pega na nossa mão e nos ensina a ler e a escrever, interpretar, criar, ressignificar. Há muita letra misturada nas nossas letras. Que ninguém nos retire este direito inalienável: o reconhecimento dessa Palavra poética insinuando-se como nossa no meio de nossas dores e alegrias. Palavra e letra, apropriando-se e sendo por nós apropriadas.

Que Maria, a Mãe do Verbo Encarnado, celebrada neste mês de maio, quem acolheu Francisco em sua Casa, seja nossa companheira de caminhada, Senhora da Estrada, apontando-nos o Caminho e ensinando-nos a ouvir, a falar e a agir no tempo oportuno. Que assim seja! Amém.



P. André Araújo, SJ
Diretor-Geral